

O JOVEM BRASILEIRO TEM MATURIDADE PARA ESCOLHER TÃO CEDO SUA PROFISSÃO?

SILVIO DUARTE BOCK

Esta questão precisa ser analisada sob vários pontos de vista.

Primeiramente, o que significa maturidade? O sentido usual diz que ser maduro é estar "plenamente desenvolvido; completamente formado". Comparando com uma fruta, que ao amadurecer está pronta para ser saboreada, poderíamos nos perguntar se alguém estaria plenamente pronto para uma escolha e mais ainda, de uma profissão?. Seria um processo psico-biológico que em algum momento atingiria um ponto ótimo? Nosso entendimento diz que isto não existe. O momento da escolha não é possibilitado por um suposto desenvolvimento psico-biológico, mas é dado sócio-culturalmente. No Brasil, um jovem de 17 anos, de uma camada social com maior poder aquisitivo, pode escolher uma profissão de nível universitário. É muito cedo? Depende. Se olharmos a sociedade como um todo, diremos que este jovem é um privilegiado, pois pode escolher sua profissão, enquanto que a maioria se engaja no trabalho muito mais cedo, quase sempre sem nenhuma escolha. Comparando com jovens de alguns países economicamente mais avançados, a escolha de profissão aos 17 anos é muito precoce, pois a sociedade espera que este jovem passe por experiências diversas antes da escolha e ela se estrutura para que isto aconteça: a entrada na universidade é mais tardia e o curso é montado como um funil que permite ao estudante realizar escolhas profissionais com mais idade. Entretanto, isto parece não eliminar todo o problema, pois nestes países, os serviços de orientação profissional ou de carreira e a literatura (muitas vezes de auto-ajuda) atendem adultos que querem ou precisam mudar de profissão, ocupação ou emprego.

Por outro lado, o fenômeno da escolha (de qualquer coisa, inclusive a profissional) é um atributo humano e isto é uma das características que diferencia o ser humano de qualquer outro animal. Quando uma pessoa vive um dilema de escolha, o que se configura é a vontade de "querer" todas as possibilidades, mas escolher significa dar preferência a uma delas e este é um primeiro grande drama. Estaria alguém pronto para realizar escolhas? Escolher significa fazer um projeto que envolve um desconhecido que atemoriza, isto é, pode dar ou não dar certo, e este é um segundo drama de qualquer escolha: a insegurança faz parte do processo. Portanto não

existe escolha segura (existe sim, uma escolha mais segura ou uma escolha menos segura).

Um terceiro drama do processo de escolha é a perda. Ao dar preferência por uma das possibilidades se perde todas as outras. Não é verdade o pressuposto de que só existe uma alternativa que é a certa e que deve ser encontrada pela escolha.. Esta idéia fundamenta a ação dos tradicionais testes vocacionais que procuram descobrir a profissão certa para a pessoa, uma vez que ela não teria condições de realizar um olhar mais objetivo. Quando temos várias alternativas que a princípio são igualmente atraentes, escolher uma delas significa não ter acesso as outras e então uma questão permanece: será que elas não seriam melhores? Dúvida impossível de ser respondida.

A escolha, portanto pressupõe conflito e será mais segura se a existência do conflito for aceita e houver uma busca de informações a respeito das diversas alternativas; se levar em conta a história da pessoa (autoconhecimento) e o contexto em que ela se dá (econômico/ social/ político/ cultural/ tecnológico). Entretanto, tais conhecimentos não resolvem o dilema da escolha, que só se dará através de um profundo ATO DE CORAGEM. Este ato de coragem leva em conta o objetivo e o subjetivo, o racional e o emocional e propõe a elaboração de um projeto de intervenção sobre o passado pessoal e social visando o novo que o modifique, melhore ou o supere.

Para finalizar, diríamos, que para quem pode escolher sua profissão (e devemos lutar para que todos tenham esse direito), tal ato não define o resto da vida de uma pessoa, mas é apenas um passo, um primeiro passo do resto da vida e que será seguido por várias outras situações que sempre se constituirão como apenas primeiros passos. Por isso, o problema central não é discutir se a escolha profissional no Brasil é ou não precoce, mas dar condições para a pessoa que vive o dilema tenha as maiores e melhores condições de realizá-la e para isso, consideramos que todas as pessoas deveriam ter o direito de escolher suas profissões ou ocupações e passar por programas de orientação profissional em suas escolas.